



HISTÓRIAS DE  
MULTIFORME  
V.1



Um Amor  
para Amar



Tati de Mira




**Histórias de Multiforme v.1:**  
**Um Amor para Amar**  
*Tati de Mira*



Parabéns, você está prestes a ler  
um dos melhores livros do  
mundo, na categoria daqueles  
que vão ao infinito e além em  
imaginação e excelência, leia sem  
moderação, até a próxima!

Copyright © 2018 Tati de Mira Todos os direitos reservados.  
É expressamente proibida a distribuição ou cópia de qualquer  
parte desta obra, este livro está devidamente registrado e  
protegido.



# Índice

[Prefácio - Multiforme](#)

[Capítulo 1 – Adeus](#)

[Capítulo 2 – Vírus dos inferno!](#)

[Capítulo 3 – Quem avisa, amigo é.](#)

[Capítulo 4 – Meu odiado \(amado\) sogro](#)

[Capítulo 5 – Meio encontro](#)

[Capítulo 6 – Susto](#)

[Capítulo 7 – Kamikaze](#)

[Capítulo 8 – Irmãos](#)

[Capítulo 9 – Intrusa](#)

[Capítulo 10 – Do outro lado da porta](#)

[Capítulo 11 – Leão desdentado](#)

[Capítulo 12 – Visita inesperada](#)

[Capítulo 13 – Pedreira](#)

[Capítulo 14 – Jugo igual](#)

[Capítulo 15 – Cabelo queimado](#)

[A autora](#)

## MULTIFORME

Outra dimensão, uma terra prometida, cheia de recursos para serem usufruídos por toda a humanidade, presente inegável do Criador. Ela é acessível pelo mar, em um lugar que os cartógrafos apelidaram de “terceiro nível do oceano” (e não, não é o Triângulo das Bermudas).

Sua descoberta é descrita como um *acaso* atribuído à garota Vanessa A. Koch, moradora de uma ilha do atlântico localizada entre Portugal e Espanha, no final do século XVIII. Mas isso é no que eles querem que você acredite, a história de Multiforme é muito mais mítica que isso e quase nada tem a ver com essa garota. A verdadeira história merece um livro só para si, mas, por hora, posso adiantar o necessário, porque cair de paraquedas em um lugar desconhecido nunca é uma boa coisa.

Sendo bem parecida com a nossa dimensão, não esperem raças mágicas (elfos e afins). Todos os humanos existentes ali são humanos mesmo. Existem coisas diferentes, como: animais, plantas, etc., mas nada que não dê para explicar na hora em que estes aparecerem. Você verá isso acontecer em algumas partes desse livro e nos próximos.

Durante muitas décadas Multiforme recebeu levas e levas de pessoas de todas as partes do globo, interessadas em: fama, dinheiro, ou simplesmente em um lugar para construir a vida e chamarem de lar.

Atualmente é dividida em quatro grandes regiões, suas principais características se assemelham a dos países e continentes do mundo de onde seus imigrantes vieram:

1. Mizuver (Ásia Oriental)
2. Abastanza (Américas e um pouco da Europa)
3. Fractal Almagre (Europa, Rússia e Índia).
4. Ofir (Austrália, África e Oriente Médio).

Infelizmente, essas são as únicas informações que darei de início, mas acredito serem o suficiente para proporcionar uma queda de paraquedas bem menos traumatizante. Boa leitura e sejam bem-vindos a esse novo mundo!

## Capítulo 1 – Adeus

Rosarela era a sede governamental do Reino Unido de Roseana, não por ser a mais desenvolvida ou a maior (acho que devia ser o oposto disso tudo), mas era a mais centralizada, sem dúvida. Isso tornava os atos governamentais muito mais fáceis e seguros.

Apesar do nome pomposo, Roseana não era um reino muito grande, no total (e se expressemos ao máximo cada cantinho) dava quinhentos mil habitantes, e Rosarela tinha trinta mil deles, incluindo a família real, o 1º ministro e seu filho mimado, Vitor. Agora era julho, período de férias de meio de ano, enfim, vida boa! Mas não tão boa assim para algumas pessoas, principalmente para as que haviam acabado de perder alguém tão querido, como o pastor James. O enterro estava acontecendo hoje, na casa de sua família. Pessoas das mais diversas classes sociais compareceriam para prestar suas condolências.

Mansão do 1º ministro...

– Vi, a sua mãe vai cantar uma música dedicada para você no show de hoje! Isso é muito chic! – diz uma moça muito bonita, ruiva de olhos brilhantes.

– Violeta, ela acha que engana quem com essa cara de Madalena arrependida? Eu nunca vou perdoar essa daí – retrucou Vitor, o garoto estava deitado no colo dela em um suntuoso sofá de uma sala gigantesca.

Um jovem senhor de camisa preta e gola alta aparece na sala.

– Filho, nós temos que ir! O enterro do pastor James já está acontecendo.

– Ah! Pai! Nós temos mesmo que ir?

– Sim, nós temos que ir... – ele faz uma pausa para arrumar a gola sufocante da blusa e diz logo em seguida: – Violeta, seus pais já devem estar lá, quer ir conosco?

– Infelizmente não, senhor Nolan, eu tenho que estudar... fran... inglês!

– Pai, eu levo a Violeta até em casa, de lá eu encontro o senhor no enterro... –Vitor não tirava os olhos daquela garota nem para piscar.

– É! Eu não me importo... – Violeta retribuindo os olhares.

– É claro... que não! Você acha que eu nasci ontem? Você quer fugir! Nós temos que demonstrar respeito a esse homem de Deus, agora vamos! Violeta, deixaremos você em casa.

Eles seguem caminho até a casa de Violeta, e depois até a casa da família do pastor, onde o corpo estava sendo velado. Vitor foi dirigindo o caminho todo, porque seu pai estava com ~~preguiça~~ dor no pé:

– E aí, cara! Beleza? – um rapaz moreno de olhos grandes e escuros se aproxima dele com um aperto de mão e um abraço nada discretos.

– E aí, Caio!

– Seus arruaceiros! – uma senhorinha de chapéu e sombrinha pendurada no braço passa olhando feio para eles.

– Boa tarde, para a senhora também – Vitor e Caio dizem juntos.

– Cara, vem ver o velho, por incrível que pareça ele tá muito mais assustador!

– Eu não quero ver, até que enfim esse maracujá de gaveta morreu. – Vitor erguendo o canto de um dos lábios, num meio sorriso. Ele não queria ter dito aquilo, era cruel, mas paciência, saiu.

– Maracujá de gaveta, haha, essa foi boa! – ele ri dando um soquinho no braço de Vitor.

– Vocês também vieram fazer uma visita pra múmia? – um garoto abraçado a uma menina de cabelo curto preto e olhos azuis.

– Se fazer “uma visita” significa vir arrastado contra a sua própria vontade, então sim, eu estou fazendo uma visita – Vitor colocando uma das mãos no bolso da frente da calça, enquanto girava a chave do carro de seu pai com a outra.

– Então somos...

– Todos – a garota de olhos azuis completando a frase de Caio.  
– Vamô espera lá fora, vai demorar até eles começarem a reza – disse Caio rindo.  
– Não é *rezar*, é orar... reza é uma coisa repetitiva e decorada, não é isso que eles vão fazer... – Vitor, lembrando-se de uma das pregações de James ao dizer aquilo.

– Você parece ele falando!

Eles começam a rir, Vitor ficou constrangido e rebateu:

– Vão se ferrar!

– Brincadeira cara... vamos logo!

– É, vamos! Eu tenho cerveja no porta-malas do carro do meu irmão, se a gente for agora ninguém vai perceber – o rapaz do casalzinho.

– Vão indo na frente, eu tenho que ir ao banheiro... – Vitor realmente estava com cara de apertado – Guarda um pouco pra mim!

– Vamos pensar no seu caso! – Caio é o primeiro a sair, seguido dos outros dois.

Vitor se aproxima de seu pai que estava falando com a viúva do pastor:

– Conte com nossa ajuda, senhora Linda, no que precisarem...

– Com licença, senhora Linda, meus pêsames! – disse o garoto apressadamente, sem se importar muito com o significado de suas palavras – Onde é o banheiro?

– Fica lá em cima, é a última porta ao final do corredor do lado... – Linda completa a frase com um gesto de mão, apontando o lado certo que ele devia ir, enquanto levava um lenço encharcado aos olhos.

– Obrigado... – Vitor sobe as escadas, ao chegar no corredor pensa em voz alta:

– Será que ela quis dizer direita ou esquerda?

Bom, não saber qual das portas não era um problema, certo? Se não fosse do lado esquerdo seria do lado direito, ora, mas ele não esperava encontrar algo que saltasse tanto aos seus olhos quanto o que ele estava prestes a ver:

– Eu acho que deve ser aqui...

Percebeu que essa porta estava encostada, ele decide abri-la lentamente, ao abrir, mais ou menos uns dois dedos, fica congelado ao ver uma garota de vestido florido e jaqueta jeans surrada sentada em uma cama com as mãos levantadas e olhos fechados, tudo indicava que ela estava orando.

*“Ah é... só podia ser a beata filha do Tutancâmon...”*. Pensou enquanto a olhava.

Um pouco antes de fechar a porta, percebeu que ela estava sorrindo enquanto pronunciava umas palavras em uma língua que ele nunca tinha ouvido.

– Essa menina é estranha, se fosse o meu pai que tivesse morrido eu estaria chorando agora... Ela até parece estar feliz com isso. – ele encosta a porta do jeito que estava e vai até o banheiro do lado esquerdo.

Vitor ficou um pouco mais no banheiro, por questões naturais de um número dois vindo de última hora. Quando desceu, a filha do pastor estava, agora, olhando para dentro do caixão. Ele ia saindo, mas sentiu uma fisgada no peito, e teve que perguntar:

– Escuta... por que você não está chorando igual a sua mãe? Você não tem coração?

Ela se vira com os olhos lindos, mas um pouco inchados pelo choro e um sorriso meigo, o brilho e a serenidade no rosto dela faziam com que Vitor se sentisse arrependido de qualquer acusação que seu coração pudesse ter feito a seu respeito.

– Eu sinto a falta do meu pai, mas eu sei que agora ele está em um lugar infinitamente melhor do que aqui.

*“Me desculpe!”* Vitor pensou em dizer, mas o que saiu foi:

– Doida de pedra!

Ele ia sair, quando um rapaz de nariz curvado levanta a voz próximo a eles:

– Queridos! É com muito pesar que nós nos despedimos desse amado homem de Deus, nesse instante o nosso Senhor Jesus deve estar recebendo-o com uma festa nos céus, como vemos no Salmo 116.15: “Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos”. Significa que finalmente esse homem voltará à casa do Pai celestial, onde Ele o aguarda, lá estará desfrutando da plenitude da glória de Deus...

Vitor queria sair de perto dela o mais rápido possível, mas a aglomeração de pessoas

não o deixava sair, ele não conseguia prestar atenção no que o reverendo estava dizendo até ele pedir: “Vamos orar, pegue na mão da pessoa que está ao seu lado.”. *“Pronto! Era só o que me faltava! Ter que dar a mão pra essa estranha... ela deve me odiar, eu acho que ela não seria tonta a ponto de dar a mão pra mim...”*. Vitor abaixa a cabeça e fecha os olhos, deixando a mão que dava para a filha do pastor rente a perna dele.

Vitor sente uma mão delicada um pouco fria encostar no dorso de sua mão, ele imediatamente cerra o punho, só podia ser ela! Mesmo com o punho petrificado, aquela mão não desistiu de envolvê-lo.

*“Que droga! E se alguém passar aqui e me ver de mão dada com essa esquisita?”*.

Vitor começou a suar, foram 5 minutos de oração que pareciam uma eternidade para ele.

*“FALA AMÉM LOGO!”* Não abriu a mão nem por um segundo sequer, a junta de seus dedos estavam até doloridas.

– Amém!

Ele balança a mão com força e sai de perto dela sem olhar para trás.

– Eu preciso beber alguma coisa! – Vitor ia saindo pela porta quando sente alguém o segurar no ombro.

– Filho, nós temos que ajudar a levar o caixão do pastor James até o cemitério.

*“Existe carro pra quê mesmo?”*.

– Por que?

– A rua está interditada para veículos.

*“E pra minha dignidade também!”*

...

Depois do enterro, já na parte da noite, Vitor estava em uma praça afastada da cidade com os seus amigos, incluindo Violeta.

– É, eu tive que carregar a múmia por uns 5 quarteirões! Nem depois de morto esse cara me deixou em paz... – Vitor não se preocupou em ser cruel agora, estava com raiva. – E eu não acredito que vocês não deixaram nenhuma cerveja para mim! Clara, você devia ter convencido o Gustavo a fazer no mínimo uma boa ação na vida dele!

– Ninguém mandou ficar com dor de barriga... – Clara era a garota de olhos azuis.

– Perdeu! – Gustavo puxando Clara para mais perto de si.

– Vi, a gente pode tomar outra coisa do estoque do meu pai... – Violeta se levanta da calçada e o beija.

– O difícil é conseguir sem ser pego – Vitor continuava irritado, mesmo depois do beijo.

– É, eu queria ser ninja essas horas – Caio.

– Sabe de uma coisa que eu consegui sem ser pego? – Gustavo se afasta um pouco de Clara e tira algo preto e brilhante do bolso.

– Uma arma? – Vitor

– Não é um ioiô... – Caio rindo.

– Cala a boca! – Vitor rindo também.

– Vamos jogar?

Eles ficaram alguns minutos atirando em coisas aleatórias até que um gato cinza de pelo curto aparece caminhando no muro à frente deles. Uma coleira vermelha o tornava ainda mais atrativo para o jogo.

– Ele não é o gato da crentinha? – Clara se levantando para enxergar um pouco melhor.

– É mesmo... Eu conheço, é aquela coleira tosca que a minha vó deu para ela. – Caio

– A mesma coleira tosca que a sua vó tricou pro gato da minha mãe, aliás... – Clara revirando os olhos.

– Aí está a nossa vingança... – Violeta sibilando.

Era a vez de Vitor atirar em alguma coisa.

– É! Atira no gato! É o nosso primeiro alvo móvel! – Gustavo.

– Não, Vitor! Não faz isso... – Clara parecia um pouco nervosa.

– Não precisa matar, é só dar um susto, vai ser engraçado... – Caio.  
– Vai lá lindo... pode acertar se quiser, eu deixo – Violeta cacarejando... rindo.  
Vitor não queria atirar, mesmo que a intenção fosse “só” de assustá-lo, havia grandes chances desse tiro acertar o alvo errado.

– Eu... – Vitor abaixa a arma.

– Qual é cara? Vai deixar ele escapar sem nenhum susto? – Gustavo levanta e tenta tirar a arma da mão dele.

– Tenta você então bonzão... – Vitor dá a arma para ele.

Gustavo mirou em uma lata próxima onde o gato decidiu tomar banho...

– Um, dois, tr...

Uma sirene, alguns clarões de lanterna, gritos graves ao longe, indicavam: alguém tinha chamado a polícia e ela havia acabado de chegar. Gustavo desvia o olhar na direção dos clarões, seu braço acabou virando alguns graus para a direita, não tinha como voltar atrás, o disparo foi feito, e o gatinho caiu do outro lado do muro. Em meio a um grito de Clara, alguns palavrões dos meninos e de Violeta, eles entram no mesmo carro de Gustavo, menos Vitor.

– Véi! O que você tá fazendo? Você vai ser preso por causa dessa porcaria de gato? A resposta para Caio foi silêncio, ele olhou para Violeta buscando apoio, mas ela esquivou o olhar, estava sozinho nessa.

O carro deles sai em disparada. Vitor corre para trás do muro, tira a jaqueta e envolve o gatinho cuidadosamente, ao entrar no carro ele coloca o pequeno felino no banco ao lado do passageiro, jogando a bolsa de Violeta no carpete do banco de trás.

Acelerou, e continuou, ele não sabia que seu carro chegava a tanto, o motor estava a uma rotação perigosíssima. Depois de ter corrido um bocado e ter certeza de que nenhuma viatura o havia seguido, ele para um pouco de correr, mas não completamente, o gato ainda precisava de cuidados.

– Aguenta firme... – deixou a palma da mão próxima ao focinho dele, pelo menos o gatinho ainda estava respirando.

...

– Teremos que entubá-lo e fazer a cirurgia de remoção da bala... – a veterinária volta até a sala de espera onde Vitor estava inquieto.

– Sério? Quanto vai custar isso? – Vitor roendo a unha do dedão.

– Não sei, uns... D\$ 500,00...

Vitor quase caiu duro ali mesmo.

– Eu não tenho tudo isso!

– Você não é filho da Melissa Vitta com o primeiro ministro?

– Sim... – Vitor torcendo o nariz quando a veterinária disse o nome da mãe dele.

– Vitor, eu sei que o gato não é seu, mas não temos condições... Escuta, se você conseguir um autografo da sua mãe, dívida quitada, poderíamos vender...

– Esquece! Eu não falo com a minha mãe, eu prefiro trabalhar aqui de graça!

– Tudo bem, Vitor, pode ser, você começa amanhã 8h, lá no pet shop da frente.

Ele concorda com um resmungo e, sem se despedir dela, deixa o hospital veterinário dando chutes no ar. Entra no carro, termina seu ataque de raiva socando o volante e, inesperadamente, dá um sorriso “*pelo menos esse carinho tem chances de sobreviver*”.

...

No dia seguinte, antes de ir ao pet shop, Vitor passa na casa de Violeta para deixar a bolsa “esquecida” dela.

– Minha nossa! Vi, você está bem? – A própria tinha atendido a porta e pulado em seu pescoço ao vê-lo.

– Sim... mas se dependesse de você... – ele não conseguia abraçá-la de volta.

– Se dependesse de mim? – ela o solta na hora e faz cara de ofendida.

– Sim você me deixou! Até o Gustavo me ligou para saber como eu estava!

– Vitor, você acha justo nós sermos presos por *você* querer bancar o herói? Egoísta...

– Egoísta? Egoísta é salvar a própria pele enquanto tem alguém morrendo ou



simplesmente não se importar com quem ficou pra fazer a coisa certa!

– Não me importar? Eu não dormi a noite toda preocupada com você!

– Se você ficou tão preocupada assim, porque não me ligou?

– Até onde eu sei na prisão não pega celular...

– Cala a boca, sua fingida! –Vitor joga a bolsa por cima da cabeça dela, e sai.

Violeta se vira para pegar sua bolsa cara, enquanto Vitor andava rápido até o carro, essa era a deixa dele.

– *Vl!* Me desculpa! – ao perceber que Vitor já tinha saído do portão, ela corre atrás dele, inutilmente, o rapaz já tinha dado a partida no carro e estava a uma boa distância.

*“Mas é a rainha do drama mesmo, para que ficar balançando o braço assim...”*. Ele mirando Violeta pelo retrovisor.

...

– Que ótimo, já limpou as prateleiras! Agora, Vitor, como você tem alergia a penas, só lhe resta uma última tarefa...

– Limpar o chão com uma escova de dente?

Vitor estava um pouco cansado e suado, seu traje todo certinho, com botas de borracha, luvas e avental, afastavam a imagem de adolescentes rebelde, de rebelde mesmo só restava o cabelo loiro escuro dele, arrepiado como sempre.

– Haha, muito engraçado... verdade! Você me fez lembrar que a limpeza é amanhã!

*“Eu e a minha boca!”* ele se preparando para ouvir sua última tarefa.

– Deixe esses dois sacos de ração lá na frente, no balcão, e você pode ir.

Vitor colocou os dois sacos, 10kg cada um, nos ombros:

– É para deixar em cima ou embaixo do balcão?

– Em cima... a Sara já vai vir buscar pro abrigo de animais, eu pedi para ela fazer isso pra mim, porque o motor do meu carro só fica pronto semana que vem... vê se pode!

Vitor sentiu um frio na espinha ao ouvir o nome *Sara*.

*“A! Não pode ser a Sara filha do pastor James... essa cidade não pode ser tão pequena assim...”*.

– Qual é o sobrenome dela? – Vitor torcendo para ela dizer algum sobrenome chinês, ou árabe.

– Não sei o sobrenome, mas ela é uma graça de menina, você devia conhecê-la.

*“Essa eu passo... eu é que não vou ficar aqui para descobrir!”*

– Vitor, onde você vai?

– Eu vou limpar a gaiola dos penosos lá no fundo...

– Nem pensar! Você quase morreu de tanto espirrar lá! – ela cruza os braços impedindo Vitor de ir ao fundo. – Você tá com medo?

Não era bem um medo, Vitor não sabia o porquê, mas sempre quis manter distância de Sara, era uma força que o empurrava para longe dela, às vezes sem motivo nenhum, tinha raiva dela só por ela andar com a Bíblia na escola.

– Eu só vou deixar ali e não vou fazer mais nada! – Vitor corre rapidamente até o balcão e deixa-os lá em cima, ao virar as costas ouve uma voz fininha:

– Vitor?

Não precisava de sobrenome, foto, RG, aquela vozinha já entregava tudo: era a Sara Sullivan, filha do pastor James!

Ele hesitou ao máximo virar as costas para atendê-la, mas não tinha como fugir, ainda não tinham inventado o teletransporte...

– Sara! – Vitor vira de uma vez assustando a pobre garota.

– Você trabalha aqui? – Sara estava usando uma calça preta e uma camiseta de botões que a sufocava até o pescoço, seu cabelo era preso com um coque.

*“Por que ela nunca solta o cabelo?”* Vitor viu-se reparando no rosto dela, acabou por descobrir que ela tinha um rosto bonito apesar de tudo.

– Vitor, a Sara fez uma pergunta! – a veterinária havia chegado.

– Bem... eu... eu quero me sustentar, não aguento mais ficar em casa com meu pai me enchendo...

Sara levantou uma sobrancelha.

– Vitor para de querer bancar o bad boy! Na verdade, Sara, ele está trabalhando para pagar a cirurgia e os cuidados de um gatinho morador de rua que foi baleado.

– Entendi Regina, isso é lindo! – e com um sorriso ela deixa Vitor vermelho, antes que alguém percebesse o incidente, ele tratou logo de amarrar a cara.

Depois de agradecer, Sara já havia pegado o primeiro saco e saído com ele, ao ver isso Regina cutuca seu ~~escravo~~ ajudante no meio das costelas:

– Ai, meu rim!

– Você não vai ajudar? Trate de pegar esse outro saco e levar para ela! Coitada da menina, além de carregar, vai ter que fazer duas viagens!

– Faz bem se exercitar... – Vitor arrumando o topete na frente de um espelhinho perto da prateleira de sementes para hamsters.

– Vai logo! – Regina cutucando o outro lado das costelas dele.

– Você deve operar os bichos com essa unha! Isso dói!! – ele tira o avental e põe o capuz do moletom, claro, o capuz não podia faltar, correr o risco de ser reconhecido perto dela não era uma opção. Com o saco já em baixo do braço, não demorou muito para ele alcançar Sara a meio quarteirão.

– Obrigada...

Vitor não responde, só balança a cabeça por educação.

Os dois caminham lado a lado sem dizer nada, até que a preguiça fez Vitor perguntar:

– A gente vai levar isso a pé?

– Não, o carro está a mais um quarteirão daqui...

– A! Mas que... – Vitor termina a frase com um palavrão, ao ouvir isso Sara para imediatamente.

– Parou por quê?

– Pede perdão para Deus agora pelo que você disse e para mim!

– Não vou! Eu não fiz nada de errado!

– Não se deve dizer esse tipo de coisa, ainda mais perto de uma mulher! – Sara ficou parada encarando Vitor.

– Se eu pedir perdão a gente continua?

Sara balançou a cabeça com um tímido sim. Vitor a encarou de volta, resmungou um pouco, mas acabou cedendo.

– Eu espero que você dê os frutos do arrependimento agora.

– Que coisa é essa aí? Eu sou um pé de jabuticaba agora para ficar dando *fruto!*

– Vitor Jesus disse: Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, está escrito em Mateus 3.8, isso significa que...

– Pode parar por aí, não tô afim de ouvir sermão hoje não.

– Eu só estava respondendo a sua pergunta, oras! – Sara começa a andar rápido.

– Ei, não precisa correr a maratona também.

Eles chegam até o carro de Sara, verde quadradinho e desbotado no capo.

– O dízimo do meu pai só deu pra comprar essa lata velha?

Sara não respondeu a ofensa, tentou abrir o porta-malas do carro, mas não conseguiu, estava emperrado. Vitor ajudou a abrir, mas sem querer as mãos de ambos ficaram em contato uma com a outra. O rapaz não pensou em afastar a mão dali nem por um segundo, até Sara pegar o saco de ração que estava em cima do carro e jogar dentro do porta-malas, estragando toda a magia daquele momento.

– Vitor pode deixar o saco aqui dentro do porta malas também, obrigada.

– Você tem que parar de ser tonta dos outros, a Regina está te fazendo de empregada...

“e eu de escravo...”.

– Ela não está me fazendo de empregada, o abrigo de animais fica a caminho da onde eu estou indo agora, peca aquele que sabe fazer o bem e não o faz.

– Tá... deixa eu ir antes que você me faça ler a Bíblia.

– Espera, por favor! Eu esqueci de uma coisa... – Sara coloca a mão no bolso de trás da calça e tira um papel meio duro dobrado ao meio, ela o desdobra cuidadosamente

e entrega a Vitor. – você pode deixar essa foto aqui lá no mural do Pet Shop de animais desaparecidos?

Vitor gelou ao ver aquela foto, a pupila dos olhos dele dilataram.

– Vitor, você está bem?

– Melhor impossível! Sara, pode deixar, se alguém vê o seu gato eu aviso! Um gato cinza com coleira vermelha, pode deixar! – Vitor sai depressa sem se despedir. Ele saiu tão afobado que nem percebeu que o gato da foto não tinha coleira nenhuma e que em nenhum momento Sara havia dito que aquele gato era dela, apesar de ser.

...

Sala de jantar, mansão do primeiro ministro:

– Filho, por que você não vai mais ao acampamento junto com os seus amigos?

– Porque eu odeio a Violeta... – Vitor descontando a raiva que sentia por ela em um brócolis, o qual triturava sem dó entre os dentes.

– Uau, que direto... Posso perguntar o porquê?

– Ah! Pai, não perca seu tempo tentando entender essa... – Ao invés de terminar de falar, ele dá um último golpe fatal no resquício de talo do brócolis.

*“Além do mais se você descobrisse eu estaria ferrado também...”*. Refletia consigo e olhava pelo vitral da janela interna da sala de jantar, onde uma mulher de cabelo curto e preto estava sentada naquele suntuoso sofá da sala deles, com as mãos entre os joelhos. Ele decide perguntar ao seu pai sobre essa jovem senhora:

– Quem é a...

– Então você vai ficar sozinho aqui na última semana das férias? – Nolan o interrompe.

– Eu não tenho opção, você vai viajar e não vai ter ninguém aqui...

– Quem disse que você não tem opção?

– Sério? Vai me levar para Fractal Almagre!

– Claro que vou, eu só não te chamei antes, porque pensei que não tinha como eu competir com a Violeta e os seus amigos.

– Pai! Besteira! É claro que eu vou! – Vitor esqueceu de perguntar sobre a jovem senhora, aquilo era insignificante perto daquela viagem, além disso, ele já estava acostumado com funcionários do governo esperarem para falar com seu pai, aquela mulher podia ser um deles.

– A propósito, a jovem senhora da recepção será a nova governanta, o nome dela é Melissa, ela está aguardando para se apresentar a você.

Vitor faz uma careta.

– Por que a careta?

– Você devia ter escolhido uma mulher com outro nome.

– Vitor! Só porque ela tem o nome da sua mãe?

– Pai, se você tivesse passado o que eu passei com ela, com certeza, entenderia a minha reação.

– Filho, já conversamos sobre isso, temos que perdoar, Jesus...

– Perdoar? Jesus? Onde ele estava quando ela me queimava com os cigarros dela, ou quando ela ficava chapada na minha frente? Muitas mães cantam, ou leem pros filhos antes dormir, em vez disso, sabe o que eu ganhava? Uma bêbada me infernizando!

– Filho, eu...

– Calma pai, eu ainda não terminei! Eu perdi a conta das inúmeras vezes que ela me largava em casa jogado igual a um cachorro enquanto ia pras noitadas! O que mais me deixa puto é que na frente dos paparazzi ela colocava a máscara de “mãe do ano”... – no meio dessa torrente, Vitor lembrou de mais uma coisa que fez o fundo dos seus olhos queimarem e sua cabeça doer de raiva, ele teve que jogar isso para fora também. – Você lembra também da gota d’água? Aquela que me fez vir pra cá? Até isso essa mulher me fez passar, até isso ela... e... e você, pai? Lembra o que ela disse de você? Você salvou a minha vida e ela ainda... – Vitor começou a chorar de raiva e deu o seu último veredito batendo o punho na mesa – Eu odeio essa mulher com todas as minhas forças!

Nolan largou os talheres sobre a mesa ajoelhou na frente de seu filho e segurou em seus ombros:

– Filho, eu tenho certeza que a vontade de Deus para você não era essa.

– Então de quem era? – disse enxugando o restante das lágrimas amargas com as costas de sua mão.

– De satanás, você deve lutar contra ele e não contra a sua mãe ou contra Deus, você deve orar por ela.

– Nossa! Eu tô cercado de fanáticos! Primeiro a Sara, agora o senhor, eu vou dormir depois dessa! Com licença... por que você está rindo?

– Porque eu acabei de ver um avanço em você, é a primeira vez que eu te vejo chamar a Sara pelo nome dela, sem por nenhum nome pejorativo.

– A! Não seja por isso: crentinha! Esquisitinha de Jesus! Fanática... – Vitor sai dando mortais de costas... brincadeira, ele só saiu.

Um pouco antes de passar pela sala de estar e subir as escadas, a governanta pôe-se no caminho dele, impedindo-o de ignorá-la.

– Dá para você sair da minha frente, *por gentileza*? – ele cerrou os dentes enquanto falava “por gentileza”.

– Senhor Vitor, eu prometo que é rápido, estava aguardando para me apresentar, sou... – a voz dela era bem rouca, como alguém que fumou durante anos. Os olhos eram castanhos, e estranhamente lembravam os de sua mãe, se não fosse pela cor ele diria que eram os mesmos.

– Eu sei quem é você e eu vou te chamar de... – Vitor olha em volta tentando arranjar algo de referência para chamá-la, e encontrou, no jardim da frente um spot de luz todo estilizado. – Vou te chamar de Spota!

– Pode ser senhor, prazer em conhecê-lo! – ela não ligou muito para o apelido, parecia feliz só de estar naquele emprego.

– Então que seja... Spota.

Spota, ou melhor dizendo, Melissa ficou parada com a mão estendida.

Ele apertou a mão dela rapidamente e esquivou pelo pequeno espaço entre o ombro direito dela e o corrimão da escada.

...

No dia seguinte, Vitor estava muito bem, até assobiava uma musiquinha de comercial de refrigerante de cola enquanto arrumava uma prateleira de comida para peixinhos beta.

– Vitor... – era Regina com uma cara de velório.

– O que foi? – Vitor não se virou, organizar os pacotinhos por cores era sua missão no momento.

– Pode parar de trabalhar.

– Por que? Tá tão ruim assim? – diz ele, dando um passo para trás admirando sua fileira colorida com um dos olhos fechados e dedos enquadrados.

– Não... o gatinho não vai resistir... eu sinto muito.

Vitor gelou ele só conseguiu dizer...

– Cala a boca!

– Cala a boca?

– Desculpa, Regina! Eu não quis dizer isso, por favor, não faça nada... não vai incinerar e nem colocar injeção letal no bichinho, antes de eu trazer a dona dele! Ela tem o direito de se despedir! – Vitor sai pela porta, ele nem sentia o chão direito.

Dirigiu igual um louco até a casa de Sara, parou um pouco antes da pequena garagem da casa dela, apertou a campainha, não uma, mas várias vezes, de maneira forçada, quase enterrando o botão na parede como se fosse o acelerador do carro dele antes de parar ali.

– Já vai! – Sara abre a porta, ela estava com o cabelo solto, prestes a ser preso por uma presilha que segurava na mão direita.

Vitor ficou vermelho ela realmente estava bonita, mesmo sem maquiagem alguma.

– Oi, Vitor! Posso ajudar em alguma coisa? – Sara levantou a presilha para prender o

cabelo quando Vitor a interrompe:

– Não prende o cabelo!

Sara ficou olhando como se ele tivesse saído do bueiro com uma serra elétrica, não se importou com a ordem estranha e prendeu o cabelo. Mas o seu rosto ainda era bonito, a ponto de Vitor demorar mais alguns segundos para se concentrar e continuar:

– O que eu quis dizer é que não temos tempo para amarrar o cabelo, seja o que for... assim... Sara... eu... –Vitor começou a olhar para os pés, seu coração foi tomado por uma tristeza enorme, mas ele pegou a última parte de coragem que tinha pelo gato e por Sara e disse:

– O gato que eu achei baleado, é o seu gato, o Gustavo acertou ele, olha... foi tudo tão rápido... e agora ele vai morrer! Me perdoe, nos perdoe... me desculpe Sara, me desculpe mesmo! – Vitor não esperou para ver a reação dela, muito menos para ouvi-la dizer o que quer que fosse.

...

Estava agora em uma lanchonete/restaurante esfriando a cabeça com um refrigerante de limão quase congelado numa mesa fresquinha do lado de fora:

– Vitor, que coincidência! – era Spota, ops, Melissa.

– Coincidência nada, você acha que eu não sei que você está me seguindo? Quanto o meu pai te pagou para me seguir? – ele dizendo na lata.

– Nem se o seu pai me pagasse, eu tenho mais o que fazer garoto, tá vendo isso aqui? – ela apontando o dedo indicador de um lado ao outro do teto.

– É da minha família, mas como eu não tenho condições de manter os negócios o seu pai decidiu comprar, ele vai dar uma repaginada, talvez transforme isso em um restaurante de comida japonesa.

–O que? Ele não é louco de fazer isso! – Vitor franzindo os lábios como se tivesse acabado de chupar um limão azedo.

– Você não gosta?

– Sim! Eu não gosto de peixe e nem de arroz doce sem tempero... e você?

– Na verdade eu... odeio! Mas eu amo churrasco!

– Quem não ama? Se dependesse de mim eu comia todo o dia.

– Se eu pudesse mudar o nome do meio do meu filho para churrasco, eu mudaria.

– Eu não ligaria se os meus pais mudassem o meu nome do meio para churrasco!

Os dois riem.

– Eu não quero perder mais nenhum segundo disso... Igualzinho ao sorriso do seu avô! – ela diz baixinho enquanto olhava Vitor sorrir.

– O que? – Vitor dá um gole ardido no refrigerante, as bolinhas raspam em sua garganta, ele não estava preparado para isso, franziu a testa.

– Nada! Eu preciso ir... pode continuar tomando o refrigerante, é por minha conta. – ela se levanta e dá um tapinha nas costas dele.

“Gostei dela, tirando o nome, até parece ser uma pessoa legal.”. Ele olha para o fundo do copo cheio de cubos de gelo e depois para o outro lado da rua, Violeta estava lá parada, igual uma vareta de cutucar estrela. Assim que Vitor a encarou, ela empinou o nariz e continuou andando.

– E aí cara! Quem era aquela? É sua tia? – Caio puxa uma cadeira.

– É a governanta espiã do meu pai, ela acha que eu não sei que esse restaurante era da família da minha mãe, fingida do caramba, mas ela é legal... – Vitor tentando sugar as últimas gotas de refrigerante no meio do gelo.

– Por que ela é legal? – Caio tentando preencher uma ficha que havia acabado de tirar do bolso.

Vitor não respondeu, ele estava ocupado demais pegando um dos gelos com a língua no fundo do copo.

– Cara, não faz isso, é nojento! Se você não parar eu vou soltar um aqui e você não vai gostar, aliás, nem você e nem metade do quarteirão...

– Tá, me convenceu... O que você tá preenchendo aí?

– Maninho, eu vou me alistar no exército!

– Você tá zuando com a minha cara, é isso?  
– É o único jeito de eu entrar na faculdade...  
– Por que?  
– Você é rico, o Gustavo, com certeza vai ganhar a bolsa do time de futebol mesmo sendo um idiota mediano, e o que sobra para mim?  
– Carreira militar é que não é! Abrir mão da liberdade? Nem morto!  
– Liberdade é um termo relativo Vitão...  
– Como assim relativo? Morre desgraça... –Vitor dando um rasante com a palma da mão em um mosquito que tinha passado ali.  
– Dez a zero pro mosquito, hein...  
– Cala a boca, era pequeno demais, passou no vão do meu dedo!  
– Como assim pequeno? O bicho parecia um dinossauro de asa. Eles riem (incluindo o mosquito).  
– Continuando, liberdade é um termo relativo, sabe por quê? Você pode escolher fazer coisas boas ou fazer coisas ruins, mas sempre coisas ruins te prendem, não importa se você se sente livre para praticá-las. Nesse momento, eu escolhi fazer uma coisa boa pro meu futuro, captou a ideia?  
– Não, você bebeu alguma coisa?  
– Vitão, eu nunca estive tão sóbrio... e você?  
– Cara, o que eu vou fazer aqui sem você? O Gustavo é um babaca e a namorada dele... bem ela é menina e a Violeta ela é um pé no...  
– Não repete mais essa primeira frase não, ficou estranho: o que eu vou fazer aqui sem você...  
– Ixi, tá me estranhando, aff... – Vitor procurando alguma coisa para tacar nele.  
Caio começou a rir  
– Cara, eu vi a Violeta conversando com o Takashi agora há pouco, virando a esquina ali... tipo, não faz nem um dia que vocês terminaram e ela já tá dando mole pra outro cara.  
– Que faça bom proveito, eu já fiz tudo o que eu queria com ela mesmo... – Vitor com um sorriso malicioso no canto dos lábios enquanto colocava as duas mãos na nuca, dando de ombros.  
– Você fez o quê? – Gustavo aparece chupando um sorvete de um sabor indefinido entre chocolate e morango, a cara dele estava toda lambuzada... esse menino era um ogro, o corpo dele parecia ter tomado uma quantidade alarmante de bombas (uma só já seria uma quantidade alarmante) e material radiativo, sem contar que tudo “aquilo” contrastava com um rosto de um garoto de dezessete anos que mal tinha pelos suficientes no rosto para chamar de barba.  
– Isso aí, que você ouviu...  
Pronto! Violeta estava mal falada!  
Vitor e Violeta nunca tinham feito nada, é claro que o namoro deles não era o modelo de namoro descente, do tipo que agradava a Deus, mas eles nunca tinham feito as “coisas” que Vitor tinha deixado no ar para que qualquer mente poluída (no caso Gustavo) pegasse e espalhasse igual a um pesticida para o resto da pequena cidadezinha de Rosarela.

...

Quase do outro lado da cidade ficava a casinha de Sara, era bem simples, não havia decoração alguma, o chão da maioria dos cômodos, tirando o banheiro e a cozinha, era de tabuinhas de madeira, algumas soltas, mas ainda sim envernizadas e brilhantes. Eram dois quartos, um banheiro uma sala e uma cozinha, esta última era o lugar onde elas estavam:

– Filha, mudar é a melhor decisão – Linda chorando em cima da panela.  
As duas estavam preparando o jantar, enquanto Linda mexia uma panela de galinhada com quiabo, Sara cortava uma salada de tomates, sua preferida.  
– Mãe! A senhora está chorando de novo! – Sara parou de cortar para abraçá-la.  
– Filha, nós temos que nos mudar, esse lugar... tudo... absolutamente... lembra o seu

pai! A situação está difícil, nós temos que ir para a casa dos seus avós.

– Mãe, me desculpe, mas eu não vou! Eu vou ficar aqui até eu terminar o ensino médio! – afirmou.

– Esse lugar só nos trouxe desgraça! Se nós não tivéssemos vindo para cá seu pai ainda estaria vivo!

– Mãe, com todo o respeito, não diga isso! A vida do papai não foi em vão, quantas pessoas não foram salvas por ele, sendo usado por Deus? Ele cumpriu o chamado que Deus tinha para ele aqui nessa terra e isso é o que importa.

– Você parece ele falando... – Linda a aperta forte.

– Sei que Deus quer que eu fique, ainda tenho coisas para fazer, não posso simplesmente fugir, mãe! Se tem alguém que tem que fugir é o diabo e não eu! Linda sentiu tanto orgulho de sua filha, não tinha como ela não voltar a abraçá-la com força.

Assim, ela ficou em Rosarela, sua mãe se mudou, até que esta arranjasse um emprego, Sara decidiu ajudar com as despesas e foi trabalhar na casa do senhor Nolan como assistente pessoal na casa dele, não como empregada de um ser preguiçoso e mimado:

– Sara! Pega água misturada para mim? – Vitor jogando vídeo game enquanto estendia um copo de vidro para Sara pegar mais água “misturada” para ele.

Sara ia pegar o copo quando Melissa aparece e intervém.

– Você pode muito bem levantar o traseiro daí e ir pegar Vitor, não é função da Sara fazer isso!

– Ela é assistente do meu pai, se ele não está, ela vira a minha assistente automaticamente... – Vitor continuava com o copo estendido.

– Vai cansar o braço assim. – Melissa leva Sara para a cozinha.

Vitor começou a resmungar algumas coisas, que não deu tempo delas ouvirem.

– Sara! Não deixa o Vitor fazer você escrava dele!

– Eu sei, senhora Melissa, é que eu já ia para cozinha e pensei...

– Não estou me referindo a apenas isso, mas em tudo! Como aquela vez, ontem mesmo, em que ele pediu para você fazer a tarefa acumulada de Inglês dele.

– Bom, ele pediu ajuda e eu... verdade! Ele é folgado mesmo! – Sara cerrando os olhos.

– Sara, não é errado ajudar, mas o Vitor precisar caminhar com as próprias pernas! – Melissa colocando o dedo indicador na ponta do nariz dela.

– Ah! – Vitor aparece na cozinha, pega água da porta geladeira, naquela época era a última invenção tecnológica, ter uma geladeira com água na porta, coisa de outro mundo.

– Essa não, Sara! O braço dele vai cair! Ele tá pegando água sozinho! – Melissa rindo. Sara deu uma risadinha tímida.

– Engraçadinha você hein, Spota... – Vitor tomou a água ali mesmo, ele começou a olhar para Sara sem perceber que ela estava percebendo (haha)... Sara virou o rosto envergonhada daqueles belos olhos castanhos esverdeados dele. Vitor deu por si e engasgou.

– Saúde! – Melissa começa a bater nas costas dele desesperadamente.

Sara sai da cozinha ao perceber que Vitor já tinha parado de engasgar.

– Eu já tô bem! – diz ele, com os olhos vermelhos e esbugalhados.

– Que bom! – Melissa dá um abraço nele.

Aquele cheiro de Melissa era maternalmente familiar...

– Spota, troca o perfume, esse cheiro me deixa enjoado, lembra estranhamente a minha mãe! – Vitor sai da cozinha atrás de Sara.

– Sara, espera... sério, às vezes eu acho que você devia correr uma maratona... – Vitor recuperando um pouco o fôlego.

– O que foi? Vai pedir para eu te fazer mais alguma coisa?

Vitor começou a olhar para os lados, como se quisesse se certificar que ninguém pudesse ouvir o que ele ia falar agora:

– Sim, eu só vou pedir que você me desculpe por ontem, eu não devia ter pedido para você fazer as minhas tarefas...

– Só isso?

– Sim, e também me desculpa por hoje...

Sara sorriu, Vitor nunca tinha parado para perceber como o sorriso de Sara era bonito, aquilo o deixou vermelho de novo, para disfarçar tossiu.

– Tudo bem, Vitor, eu te desculpo, que bom que ninguém passou perto para te ouvir falando comigo e me pedindo desculpas ainda por cima, não é?

– Isso... não! Quer dizer... não eu... – Vitor sabia que era verdade e isso o envergonhava.

– Tudo bem, Vitor, até amanhã.

– Eu não vou te ver amanhã...

Os dois ficam em silêncio.

– Por que? – Sara tossiu um pouco era a vez dela de disfarçar – Desculpe, não é da minha conta...

– Não, tudo bem, você vai se ver livre de mim esse tempo, é claro que é da sua conta! Pela primeira vez os dois riram juntos.

– O meu pai vai voltar para me buscar amanhã cedinho, a gente vai para Fractal Almagre!

– Você sabe que Fractal Almagre é como um continente, né? Pra qual país você vai?

O que Vitor acabou de falar, soava como dizer que na copa do mundo de 2010 estivesse torcendo para África ou ido até a África em qualquer outra data qualquer... esquecendo que a África é um continente e tem dezenas de países, com outras milhares de cidades! Seja mais específico rapaz...

– Não! Eu sô burro Sara! – Vitor fica enfezado e cruza os braços.

– Eu não quis te ofender, me desculpa... a gente pode orar pela sua viagem?

– Você me irritou, não quero orar!

– Vitor, Jesus disse para você ir até Ele do jeito que está, Ele quer te ajudar com isso...

– A! Eu não quero, você não ia embora? A saída é ali na frente! – Vitor adianta os passos até a porta, abrindo-a.

– Sim... – Sara caminha até o lado de fora, ela ia se virar para dizer tchau, mas Vitor já havia fechado a porta (com força).

...



## Capítulo 2 – Vírus dos *inferno!*

Fractal Almagre, um continente gelado em sua maioria e selvagem no restante, era uma junção de toda a Europa, Rússia e Índia. O país que eles estavam agora lembrava muito a Rússia, e a cidade, Liona, muito parecida com Moscou.

– Pai! Eu vim pra Liona e não tomei nenhuma bebida cristal, *brincadera!*

– Você não pode beber álcool!

– E o senhor pode?

– Sim, mas eu não bebo mais e você sabe.

Trun... trun... alguma coisa estava vibrando na gaveta da escrivaninha.

– Mas eu posso ir na *festinha* do...

– Vai ter bebida alcoólica lá?

– Vai, mas eu juro que não vou beber!

– Então o que você vai fazer?

– Eu vou curtir, hué...

– Traduza “curtir”.

– Desisto... você nunca ligou que eu bebesse e saísse por aí...

– Você não, me chame de senhor.

– ã? Nunca ligou para isso também! – Vitor senta na cama com um ponto de interrogação gigante na testa.

– Eu estraguei você Vitor, em todos os sentidos, me desculpe.

– Estragou nada! Fazia tempo que eu queria perguntar, o senhor está muito chato ultimamente, o que está acontecendo?

– Eu e sua mãe, tivemos um encontro com Jesus, e decidimos cuidar de você da maneira certa.

– Uou! Carneia aí! Você e a mamãe voltaram?

– Com certeza sim...

Trun... trun... a coisa ainda estava tremendo na gaveta da escrivaninha.

– Como assim *certeza*, até um mês atrás o senhor jurava que estar solteiro era a melhor coisa do mundo por causa da mulherada e tudo mais... na verdade, o senhor me ensinou a nunca casar na vida!

– Quer saber, essa vida nunca me preencheu, mas eu sei que Deus quer restaurar nossa família.

Vitor se deitou, era muita informação para a cabeça dele.

– Você não vai dizer nada? – Nolan jogando um casaco vinho sobre o encosto de uma poltrona de camurça cinza.

– Para mim você... ops... o *senhor* pode fazer qualquer coisa, eu só não quero ela morando na mesma casa que eu!

– Você não tem o que querer.

– Só me dá um tempo para engolir isso então, o senhor pode me dar até o final desse ano, por exemplo... – Vitor começou a rir, ele sabia que seu pai ia dizer um sonoro “não e fica quieto”.

– Tudo bem... Na universidade você vai continuar morando em casa mesmo, não tem como fugir de um convívio com ela.

Vitor ficou pasmo, Nolan aceitou!

Trun... trun... Vocês não vão ver essa coisa da escrivaninha não?

– Não é o seu celular que está tocando? – Vitor continuava largado na cama.

“*Seis meses é tempo mais que suficiente para eu arrumar um jeito de fugir...*”.

Enquanto maquinava sua fuga ele olhava para as teias de aranha na elegante luminária do quarto. Era engraçado, porque não importava o hotel em que ele se hospedava, se era chic ou não, as pessoas, na maioria das vezes, sempre esqueciam de limpar as luminárias, e de algum jeito as aranhas sempre conseguiam fazer suas teias nelas ou em algum lugar no teto.

– Verdade! É o meu... – Ele abriu a escrivadinha e pegou um celular quadrado bem antigo de flip, estava vibrando incessantemente.

– Me explica uma outra coisa, quando o senhor vai trocar essa joça? – Vitor levanta a cabeça para criticar o celularzinho obsoleto.

Nolan parecia sério ao telefone, quanto mais ele ouvia a pessoa do outro lado da linha, mais sério ficava.

– Tudo bem, obrigado... – ele fecha o celular. – Vitor, arruma suas coisas agora!

– Por que?

– Eles estão com alguma epidemia.

– É H1N1?

– Alguma coisa pior... não sei exatamente se é gripe, é melhor irmos embora, descobriram um surto dela aqui perto.

– Não tô a fim de pegar nenhuma doença exótica hoje... mas se eu tivesse aula amanhã quem sabe...

– Para de falar asneira, Vitor, isso é sério.

Eles arrumam as malas, já no pequeno atalho até o aeroporto, um carro na frente deles começou a andar em ziguezague, perdeu o controle e acabou caindo em uma valeta enorme do lado da estrada. Nolan parou o carro.

– Vitor, fica aqui...

– Sem chance, eu vou com o senhor!

– Mas é uma benção mesmo, hein? Teimoso, igualzinho a mãe!

– Tá vendo? Ela só me passou genes ruins...

O carro caído na valeta estava virado de ponta cabeça, havia gasolina espalhada por todo lugar.

– Eu acho que vi uma menininha e uma mulher! – Vitor abaixado com o rosto colocado no asfalto acima da valeta.

A mulher gritava algo desesperado em russo.

Eles trabalharam em conjunto para tirá-las de lá, e conseguem. Pouco tempo depois, o carro começou a arder em chamas.

A mulher continuava dizendo coisas em russo, mas a voz dela começou a sumir dando lugar a espasmos, e por último, a uma convulsão violentíssima. A garotinha começou a chorar, Vitor se abaixou e a abraçou, impedindo-a de chegar perto e ver a sua mãe naquele estado.

Nolan já havia ligado para o resgate, que não demorou nem 5 minutos para chegar.

Diferente do que eles esperavam, o lugar foi tomado por uma verdadeira equipe de contenção: um helicóptero e algumas ambulâncias, os técnicos de enfermagem e médicos estavam todos usando máscaras...

– Ferrou! – Vitor só conseguiu dizer isso, um grupo de enfermeiros o colocou em uma ambulância separada da de seu pai.

Antes da porta fechar, pode ver de relance o corpo da mulher, agora imóvel, sendo coberto por uma manta prateada.

...

Sentado, esperava por notícias, em um lugar que, dava para chutar tranquilamente e sem medo de errar, ser uma maca na ala hospitalar de isolamento. Ninguém havia dito isso a ele, mas todos os profissionais que chegavam ali usavam máscaras, tinha uma cortininha sinistra branca gelo que envolvia o minúsculo quarto e, sem contar, os tubos de sucção de ar presos no teto.

Um homem com um casaco de pele de lobo chega sem máscara. Vitor o reconheceu imediatamente só pelo casaco triste, era o grande amigo de seu pai e presidente de Liona.

– Presidente! O que está acontecendo?

– Vitor... vocês tiveram um contato muito direto com a doença Variamência. – o sotaque dele era muito carregado com “r”.

“Obrigado por esclarecer muita coisa...”

– O que é *doença da Variamência*?  
– É uma doença muito contagiosa, faz o indivíduo perder a coordenação motora gradativamente, primeiro vem a perda dos movimentos e no último estágio todo o sistema nervoso é comprometido, ele tem convulsões terríveis e depois...  
– Morre. – Vitor teve uma aceleração muito forte no peito, não podia acreditar que aquilo estava acontecendo com ele e com seu pai. – Mas então, por que o senhor está sem máscara?  
– Você é imune a doença, o seu organismo tem uma enzima que envolve as suas células, os vírus não conseguem se fixar e acabam morrendo.  
– Como vocês descobriram isso?  
– Quando furamos o seu dedo... Garoto, você foi abençoado através da genética da sua mãe... ela também teve contato com a doença mês passado, é imune como você! Vitor engoliu em seco, ele se arrependeu do que disse mais cedo sobre sua mãe ter passado apenas genes ruins para ele.  
– E o meu pai?  
– O seu pai deve ficar em observação, mas eu acredito, e tomara a Deus que sim, ele não tenha sido infectado, até o final da tarde saberemos, depois vocês poderão ir.  
– E a garotinha?  
– Ela não está com a doença por um milagre, mas você pode imaginar o quão é ruim perder a própria mãe.  
– É, posso sim... – Vitor franzindo o cenho, ele sabia muito bem o que era perder a mãe, infelizmente, mas no caso dele, foi para as drogas.  
Um tempo depois, o resultado do exame de Nolan saiu, deu negativo, eles voltam para casa três dias antes do esperado.

...

Vitor tinha provado para si mesmo, mais uma vez, que sua teoria estava certa, nada melhor do que a sua própria cama e o seu próprio quarto para hibernar! Aquele hotel podia ter sido o melhor de Liona e um dos melhores que ele havia se hospedado, mas sua cama era única! Até as marcas de baba no travesseiro davam um toque especial àquele paraíso na terra. Mas ainda sim, o quarto dele era muito bagunçado. Só teve interesse de arrumá-lo uma vez, quando pensou em levar a Violeta pra lá, entretanto, como não tinha ninguém agora, decidiu deixar quieto, o esforço não valia tanto a pena quanto antes.

*“Quem sabe um dia eu possa trazer a Sara para cá... mas eu, hein? Ela vai tacar a Bíblia na minha cabeça, tô até vendo...”*

– Acorda! – Nolan aparece no quarto dele e puxa seu edredom azul.  
– Por que o senhor me acordou tão cedo? Hoje é sexta de férias!  
– Na verdade as aulas começaram ontem, você achou que ia me enganar até quando?  
*“Até segunda, óbvio.”*  
– Pai, eu garanto que ninguém foi e nem vai ir hoje! Quem vai na escola na sexta-feira, me diz?  
– Você e a Sara, ela nem precisava ir, mas você está quase reprovando por faltas!  
– Como o senhor sabe disso?  
– A Sara me contou, mas foi porque eu pedi...  
– Menina fofqueira do caramba, eu odeio ela!  
– Me fala alguma coisa que você não odeia!  
– Os biscoitos que a Spota fez ontem!  
– Use a sua boca para abençoar as coisas. – Nolan parou um pouco para respirar fundo. – Você irá e ponto final!

...

A escola em que Vitor e Sara cursavam o último ano era comum, os alunos também eram comuns, tanto que ninguém tinha ido à aula hoje. A menos Vitor e Sara, é claro.  
– Hello, folks! – a professora de Inglês falando como se tivesse o maior “povão” na sala.

– Hello, Mrs. Silva! – Sara sentava na segunda carteira do lado da porta. Vitor não respondeu, ele preferiu sentar na última carteira na fileira oposta à que Sara estava, aquela do lado da janela, estão vendo?

– Guys, today...  
“Vai começar a falar Inglês de novo, que inferno!” Vitor começou a olhar para a professora com cara de paisagem.  
Ela parou de falar e Sara foi até a carteira na frente dele, sentando-se de lado.

– O que você está fazendo aqui? – Vitor se preparando para levantar.  
– Você não ouviu o que a professora disse: “Pair Work, page thirty seven, review”.  
– Eu não entendo bulhufas do que ela fala – Vitor deitando a cabeça na carteira.  
– Tem que ter alguma coisa que você goste em inglês...  
Na verdade Vitor entendia muito bem inglês de tanto jogar vídeo game, ele só dramatizava as coisas por não gostar da escola e nem dos professores.

– Just a minute class! – Mrs. Silva sai da sala para atender o celular.  
– Ela acabou de dizer que está com dor de barriga e mandou a gente ir para casa, é isso?  
– Não... – Sara dá uma risadinha.  
– Vamos parar de fingir, tá legal? Eu nunca vou passar em inglês.  
– Você pode pelo menos tentar? Vamos, abre o livro na página...  
Vitor já tinha aberto o livro na página 37.

– Tá vendo como você sabe!  
– Vamos acabar logo com isso...  
– Eu começo com as perguntas... do you have a... car?  
– Yes, I have...  
– Não se responde só com a frase: I have, se diz: Yes, I do!  
Vitor respira fundo e diz entre os dentes:  
– Yes, I do...  
– Agora pergunta para mim alguma coisa.  
– Do you have an apple in your backpack?  
– No I don't... Olha só como você consegue! – Era aparente, Sara estava feliz por ele. Vitor sentiu-se bem perto dela, aquela garota o fez sentir como se realmente pudesse mudar para algo melhor e pela primeira vez ele ficou à vontade de conversar com ela sem nenhum preconceito ou pressão dos outros:

– Sara, aproveitando que a gente está aqui no *momento review*, eu fiquei em dúvida quando eu uso o which ou o what, eu nunca peguei isso...  
– Você usa o “which” para um número pequeno de possibilidades tipo: Which day of weekends do you prefer?, enquanto que o “what” você usa para muitas possibilidades, *understendeu?*  
– Understendi!  
Os dois começam a rir.

– Agora, a gente precisa escrever a nossa “small talk” e entregar para ela.  
– Deixa que eu escrevo, a sua letra é a mais bonita da sala, mas...  
– Eu não acho a minha letra tão bonita assim...  
– Mas as outras pessoas acham Sara, a Violeta quase morreu de inveja quando a professora te escolheu para escrever o cartaz de educação ambiental ano passado.  
– É mesmo? Se eu soubesse que ela queria tanto escrever eu não teria aceitado.  
– Sara, aquela idiota teve o que mereceu, ela tem que quebrar a cara algumas vezes para largar a mão de ser tão esnobe!  
– Vitor, não fale assim dela, além do mais ela é sua namorada!  
– Ela não é mais minha namorada, graças a Deus!  
Sara ficou vermelha e olhou para frente antes que Vitor percebesse alguma coisa.  
– O que foi Sara? – Vitor cutucando as costas dela com a borrachinha do lápis, ele ia cutucá-la com a outra ponta fina, mas percebeu a tempo.  
– Nada, eu vou voltar para o meu lugar.  
– Não! Fica aqui na minha frente, assim a professora fica impedida de olhar para mim

diretamente... – Vitor explicou, mas no fundo queria que Sara ficasse na frente dele, porque gostou da companhia dela, eles poderiam conversar mais, não sabia quando teria uma oportunidade como aquela novamente.

Sara não atendeu ao pedido e saiu.

– Vai então! – Vitor voltou a ficar emburrado.

Sara havia acabado de voltar para o lugar quando a professora voltou.

– I'm back, dears! – ela com um sorriso esticado no rosto. – Did you finish?

– Yes! Mrs. Silva, may I go to the bathroom?

– Sure, dear!

Sara caminha rápido, chega ao banheiro, mas antes de entrar em um dos boxes, ouviu um murmurinho bem baixinho no boxe ao lado do que ela ia entrar, bateu em sua porta e perguntou:

– Você está bem?

Nada da pessoa responder, ao invés disso, o murmurinho aumentou.

– Você quer que eu chame a enfermeira?

– Por favor, não faça nada, só me deixe em paz, Sara! – era a voz de Violeta, rouca, mas era a voz dela sim.

– Violeta? Por que você não entrou para aula?

– Não é dá sua conta! – ela volta a chorar e a soluçar. – O Vitor ainda está na sala?

– Eu só respondo se você sair daí e me contar o que está acontecendo!

– Tá... mas não vai rir de mim!

– Não vou!

Violeta abre a porta do box e... ela estava com os olhos vermelhos, cabelo bagunçado, o rímel havia escorrido no canto dos olhos, era o cruzamento de um panda com um palhaço.

– Deixa eu te ajudar com isso. – Sara a ajuda a sair.

– Obrigada... – Violeta sentiu que podia se abrir com ela.

– Sara, o Vitor andou espalhando por aí que fez as coisas comigo! Sabe, ele mentiu para me atacar! Meu pai me colocou de castigo! Por isso eu vim na aula hoje...

– O Vitor fez isso? – Sara parecia chocada.

– Sim, eu também fiquei chocada quando soube, não tem como desfazer isso... eu vou levar a fama por uma coisa que nem aconteceu! E eu já disse que estou de castigo?

Violeta parecia mais preocupada com o castigo do que com o restante.

– Eu vou te ajudar.

Ela deu uma risadinha esnobe, e disse:

– Sara, a não ser que esse traste apareça na festa de pais e alunos de amanhã, suba ao auditório e diga que não fez nada e me peça desculpas, ninguém vai acreditar... ninguém conseguiria convencer ele.

– Nada é impossível pra Deus!

...

O intervalo chegou, Violeta inventou estar passando mal para ir embora, sua mãe preocupada, comprou um teste de gravidez, mesmo que a filha esperneasse e jurasse de pés juntos não ter feito nada.

– Vitor, você pensa em ter filhos? – Sara senta na mesa ao lado dele.

– Essa pergunta é estranha até pra você, mas tá... sim, talvez... Por que?

– Se você tivesse uma filha, você ia gostar que alguém inventasse coisas a respeito dela?

– Por que você tá falando isso? – ele levando a mão até a nuca e dando um sorriso amarelo, já sabia que Sara havia tocado nesse assunto por causa de Violeta.

– Responde: sim ou não.

– Não... onde você quer chegar?

– Você tem que desfazer o mal-entendido que causou!

– Eu não tenho culpa, as pessoas interpretaram mal o que eu falei!

– Tem culpa sim, pare de fugir, seja homem!

Vitor sentiu suas entranhas dando um nó de raiva, Sara tinha razão.

- Eu fiquei com raiva! Daqui a pouco tudo vai passar, as pessoas vão esquecer...
- Pra ela não passou, você sabia que ela ficou de castigo pelo que você inventou?
- O que eu faço então?
- Amanhã não vai ter a festa dos pais e alunos da escola? Todos estarão lá, incluindo os pais dela! Aí está a sua oportunidade! Você vai ir nessa festa e vai falar a verdade!
- Se eu não for, o que você vai fazer?
- Nada, mas fique avisado: “Tudo o que o homem semear, isso também ceifará”, tá na Bíblia lá em Gálatas 6.7.

Vitor ficou branco, ele ficou com medo de ter uma filha e acabar por ter alguém que a difamasse também, então...

– Pessoal, atenção! – Vitor tinha ido à festa, e agora estava em cima do auditório com um microfone nas mãos. – Estou aqui para esclarecer um mal-entendido, eu fui um idiota, agi sem pensar, na hora da raiva acabei falando o que não devia... eu nunca fiz nada com a Violeta, e Violeta eu te peço desculpas por tudo!

*“Pronto, agora eu posso parar de me esconder do pai dela também...”*. Vitor desceu do auditório, um pouco antes de chegar ao chão ele viu Sara sorrindo para ele, aquele sorriso valeu tudo, ele sabia que tinha feito a coisa certa.

O pai de Violeta aparece, ele era igualzinho a ela, ruivo de olhos brilhantes, mas tinha muita barba e uma monocelha grossa e felpuda:

- Achou mesmo que ia difamar a minha filha assim e sair impune?
- Calma Gregório, ele já pediu desculpas. – Nolan aparece para tentar apartar uma possível briga e perda de juízo de Gregório.
- Que vá pro inferno com essas desculpas! Se você chegar perto da minha filha de novo eu vou... – Gregório engoliu em seco para não dizer nenhuma besteira, ele era advogado e sabia que se dissesse alguma coisa além daquilo podia se comprometer.
- Pai! Nem o senhor estava acreditando em mim! Pelo menos ele confessou o erro, eu o perdoei... Devemos perdoar, não é? – Violeta abraça Gregório e olha furtivamente para Vitor.

– Tudo bem... Sorte sua Nolan, que o seu filho se humilhou em público, eu ia arrancar até as suas calças em um processo! Vamos embora para casa, Vivi...

– Pai, eu quero ficar mais tempo com os meus amigos, espairar um pouco...

– Não!

– Acho que mereço alguma coisa depois de ser punida injustamente...

Gregório sentiu-se culpado por tê-la posto de castigo, sucumbiu à manipulação:

– Tudo bem, mas esteja em casa antes das 23h... e não chegue mais perto da minha filha, entendeu? – disse apontando o dedo para Vitor.

– Claro, nem precisa pedir... – Vitor some no meio da multidão.

...

Aquela festa oferecia uma boa oportunidade para a escola receber ajuda financeira, por isso barraquinhas de diversos tipos de delícias culinárias estavam apinhadas entre o pátio e a quadra.

Sara estava na barraquinha de pastel, mas não era nada legal estar numa fila gigantesca como aquela e ainda por cima em último lugar.

*“Eu preciso de alguma coisa com queijo! Urgente!”* Ela começou a olhar em volta já desistindo do pastel, se na vez dela sobrasse algum, ia ser um milagre, e com certeza seria um de carne moída. Foi aí que viu um oásis, chamado de Barraquinha de espetinhos! No menu pendurado do lado de fora, as suculentas palavras: “queijo coalho”, a atraíram.

– Por favor, eu quero um espetinho de queijo coalho. – pediu ela sentando confortavelmente em frente ao balcão enquanto cumprimentava um garoto oriental de testa franzida de preocupação:

– Oi, Juliano! Tudo bem?

– Ah... oi Sara, tudo... – ele foi tirado de seu mundo de preocupações por um momento e sorriu, os dentes debaixo dele eram um pouquinho acavalados, isso explicava o aparelho de borrachinhas verdes.

– Vai querer algo para beber? – Essa voz era familiar, a jovem senhora atendente estava de costas.

– Mel?

– Sim... Sara?

– O que a senhora faz aqui? – Mesmo com o balcão separando as duas, elas deram um jeito de se abraçarem.

– Eu gosto de participar dos eventos da nossa cidade... Fiquei muito tempo fora. – Melissa vira para a churrasqueira cheirosa e tira um espetinho de coração de frango para Juliano.

– Obrigado! – ele pega o espetinho e sai dizendo um tímido tchau para ambas. Sara olhou Juliano se afastar até sumir no meio da multidão *glutômica* (sério, eram raras as pessoas que não se empanturravam de alguma coisa ou várias delas).

– Tia, me vê três espetinhos de Kafta e um de coração de frango pra *minha namorada*.

– era Gustavo, dava para notar que ele tinha vergonha de pedir espetinho de coração de frango.

– Não precisa ter vergonha de pedir de coração de frango Gustavo, eu também gosto, é muito bom, até pediria um se agora não quisesse comer queijo... – Sara sabia que ia levar uma patada, a turma de Vitor realmente não gostava dela, mas não custava tentar, ela sempre esperava o melhor das pessoas.

– Ninguém te perguntou nada. – Gustavo mal olhou para ela.

– Tá...

Gustavo sentiu seu coração pesar, ele não precisava ter sido tão ogro assim, afinal de contas seu bando não estava presente, ele podia manejar um pouco.

– Escuta, não é que eu tenha vergonha... tá, talvez um pouco... mas é mais porque eu acho esquisito e meio macabro, foi preciso umas dez galinhas para fazer um espetinho só!

– As galinhas iam morrer de qualquer jeito, é melhor do que jogar fora, eu acho.

– Pensando assim, é... A Clara me disse a mesma coisa... – Gustavo olhando para os lados, tentando ver se alguém conhecido o veria conversando com a Sara, era a mesma atitude que Vitor tinha.

– Aqui está! – Melissa entrega dois saquinhos para ele.

Gustavo tirou do bolso algumas notas amassadas e sujas ~~dinheiro de bêbado~~, jogou-as no balcão e foi embora.

– A senhora quer que eu fique no caixa?

– Não querida, obrigada... mais um pouquinho e o seu já fica pronto, por um milagre eu ainda tinha um no freezer, dá para acreditar que é o último da espécie dele? Haha... – depois de guardar o dinheiro no caixa ela passa álcool em gel rosa nas mãos.

– Acredito. – Sara observou que Mel estava bem mais feliz do que o normal.

– É tão bom te ver feliz, Mel!

– Sara, é que... – Melissa respirou fundo, os olhos dela começaram a lacrimejar. – O meu filho, pela primeira vez se abriu comigo hoje! Deus é tão bom florzinha...

Sara se emocionou ao ouvir aquilo, Mel já havia comentado com ela algumas vezes sobre seu passado e como seu filho a detestava por isso, ver aquele pequeno avanço já representava uma grande vitória no relacionamento deles.

E o assunto chegou todo suado...

– Cinco espetinhos de carne Spota, por favor!

– E aí? Como você se sente depois de ter feito o que é certo?

– Por incrível que pareça, estou bem! – Vitor olha pro lado e se assusta ao ver Sara, mas foi um susto bom.

– Que ótimo! Eu peguei as duas aqui, então é isso, podem falar a verdade, vocês duas combinaram, não foi? O mesmo versículo bíblico, a mesma mensagem... vamos! Confessem...

– Spota, você falou para o Vitor sobre Gálatas 6.7?

– Sim!

– Eu também falei!  
As duas riem uma pra outra.  
– Que bizarro! – Vitor sentiu um arrepio passar pela espinha.  
– Isso só mostra o quanto Deus se importa com você, essa situação podia ter te causado problemas.  
– Isso mesmo, e aqui estão cinco espetinhos de carne, pro meu fi... amigo!  
– Eu vou indo nessa pessoal, obrigado! – Vitor paga os espetinhos e sai com sua sacolinha forrada por dentro com papel alumínio.  
– Mel, eu vou indo também, tenho que por comida pro Sukito, ele deve tá miando desesperado na porta de casa, algum vizinho pode querer jogar uma pedra nele...  
– Quem é *Sukito*?  
– Sukito é o meu gato.  
Uou! O gatinho da Sara sobreviveu!  
– Por que ele tem esse nome engraçado?  
– Porque eu gosto de suco.  
– Boa explicação... até segunda, florzinha!  
– Até! – Sara se levanta enquanto ajustava a blusa de botões sufocantes. Tinha várias dessas em seu armário, quase um arco-íris, dessa vez usava uma lilás com uma confusão de estampas floridas sobrepostas.

...

Já de uma certa distância da barraca, Sara se virou por um instante, acompanhando o voo de uma bela coruja parda, entretanto, não só viu o voo da coruja, como também algo totalmente inesperado: Nolan estava beijando Melissa! Foi muito rápido, ela piscou algumas vezes sem acreditar no que estava vendo, quando abriu os olhos novamente os dois tinham se desgrudado, mas não, isso não podia ser verdade... estavam tendo um relacionamento, sendo que os dois já eram comprometidos! Definitivamente não, ela piscou mais uma vez, preferiu acreditar que aquilo tinha sido coisa de sua cabeça, foi ao banheiro jogar uma água no rosto antes de ir.

...

– Vitor espera um pouco, eu preciso devolver essa chave ao vice-diretor... – Nolan sai do carro deixando Vitor sozinho no estacionamento aberto, sombrio e assustador da escola.

*“Como se isso aqui já não fosse assustador o suficiente de dia...”* O garoto estava com os sentidos em estado de alerta. Decidiu sair dali quando a única luz da parte onde estava ter pifado.

*“Eu é que não vou ficar aqui!”*

...

Sara e ele estavam caminhando um de encontro ao outro, em breve se cruzariam no corredor de entrada da escola:

– Vitor! – Violeta, cruzando com ele antes.

*“Eu devia ter ficado no carro... acho que seria uma boa sair dando mortais de costas dessa vez.”*

– Você não ouviu o que o seu pai falou?

– Ele disse que você não pode chegar perto de mim, mas ele não disse nada sobre eu chegar perto de você, preciso te falar uma coisa...

– O que você quer... oi Sara! – Vitor com a mão levantada para cumprimentar o tímido “oi” de Sara que tinha acabado de passar por eles.

– Desde quando você fala com essa daí? – Violeta nem esperou Sara terminar de passar no corredor para dizer aquilo.

Vitor ficou com vergonha.

– Ela trabalha na minha casa, se eu não cumprimentar o meu pai vai encher o saco, ela conta praticamente tudo pra ele. – Vitor quis morder a língua, mas Sara já tinha ouvido tudo, ela correu os últimos passos antes de virar o corredor.

*“Por que eu falei isso?”* Vitor ficou com vontade de correr atrás de Sara e dizer o quanto ela estava bonita com o cabelo solto e... botas! Quem sabe até elogiar sua



camiseta lilás esquisita.

– Haha, ela é empregada de vocês? Espera o pessoal saber disso! – Violeta pega o celular e começa a escrever uma mensagem.

– O que você quer? Fala logo! – Vitor pega na mão da ruiva, impedindo-a de continuar digitando.

– Eu quero você, por que a gente não esquece isso?

– Esquecer?

– Vitor, não precisa ser nada sério agora, eu só quero você... o seu beijo, o seu toque... – Violeta se aproximava cada vez mais de seu alvo.

– Mas quem não quer mais sou eu! – Vitor se vira e corre pensando em alcançar Sara, mas ele para bruscamente.

*“Espera um pouco! O que está acontecendo comigo? Eu nunca me importei com a Sara, e não vai ser agora que isso vai acontecer!”* Decide voltar para o carro, sem falar com Sara e muito menos só pedir desculpas.

– Você me paga! – Violeta pega o celular e começa a ligar para Clara, mas a chamada só dava na caixa postal:

– Essa idiota sumiu!

*Assim terminamos nossa querida amostra grátis! Eu disse que você ia gostar, não disse? É verdade, eu não disse, mas se quiser continuar nessa divertida aventura é só adquirir o livro completo, disponível na Amazon:*

<https://www.amazon.com.br/Amor-para-Amar-Hist%C3%B3rias-Multiforme-ebook/dp/B07DZL3NTY>

*Obrigada!*